



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Curso de Geografia Licenciatura
Campus Três Lagoas



A dinâmica das batalhas de rima em Três Lagoas-MS:

Não teste a Febre é o Rap de MS

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

DENIS VITOR DE SOUZA VILELA

TRÊS LAGOAS
2023



Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Curso de Geografia Licenciatura
Campus Três Lagoas



DENIS VITOR DE SOUZA VILELA

A dinâmica das batalhas de rima em Três Lagoas-MS:

Não teste a Febre é o Rap de MS

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas (CPTL), como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa Dra Patrícia Helena Milani

TRÊS LAGOAS
2023

Dênis Vitor de Souza Vilela

A dinâmica das batalhas de rima em Três Lagoas-MS:

Não teste a Febre é o Rap de MS

Monografia apresentada à Banca Examinadora em:

_____ de _____ de 2023 e foi considerada _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Patricia Helena Milani

Membro da banca

Profa Dra Rafaela Fabiana Ribeiro Delcol

Membro da banca

Profa Dra Rosemeire Aparecida de Almeida

“Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama
Mas aê, se tiver que voltar pra favela
Eu vou voltar de cabeça erguida
Porque assim é que é
Renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé
Vagabundo nato!”
(Racionais Mc)

Dedico esse trabalho a;
Minha Mãe te amo dona preta, a senhora é uma rainha
Ao RAP Nacional, meu pai
A geração que revolucionou e vai revolucionar
E aos amigos que se foram.

AGRADECIMENTOS

Primordialmente agradeço minha família de sangue e de rua que me ensinaram e me apoiaram aqueles que correram comigo, na árdua luta até aqui, essencialmente gratidão aos meus mestres que me transmitiram conhecimento, fortaleceram meu saber e instigaram minhas dúvidas, em cada aula, seja dentro dos muros da escola e da universidade, ou em cada letra versada em cima do Beat, com o compromisso, com a mensagem, que fez entender e enxergar o mundo de outra forma, sendo muitas vezes minha fortaleza, enquanto, que secar olhos e não deixar cair aquela que é clara e salgada, mas também agradeço aos “leões do dia” que me tiram da minha zona de conforto e sempre me jogaram direto pra zona de conflito, mas mesmo sem querer, me capacitaram em cada batalha, me fazendo forte para ser e estar.

RESUMO

Analisamos o movimento hip-hop, especialmente o RAP em Três Lagoas-MS, em diálogo com o conceito de território, seguindo as práticas de apropriação espacial dos integrantes do movimento. Exploramos como o hip hop muitas vezes marginalizado pela sociedade, influencia no processo de urbanização e no modo de vida sobretudo daqueles que o integram. Nossa hipótese central é que o hip-hop não apenas integra o modo de vida urbano, especialmente entre jovens das periferias, mas também contribui para a formação crítica e social desses envolvidos. Realizamos entrevistas com roteiros semiestruturados, observações participantes, de modo que integramos o movimento na cidade, algumas conversas informais que também ajudaram a compor o conjunto de informações trabalhadas nesta pesquisa, juntamente com uma revisão teórica acerca do assunto. Consideramos que o hip hop trata de assuntos muito relevantes para os sujeitos sociais moradores das periferias urbanas, como marginalização, desigualdade e estigmas, os quais são muito presentes nas batalhas de rima, que acontecem predominante em importantes espaços públicos da cidade. Ao longo da pesquisa confirmamos nossa hipótese de que o movimento fortalece uma identidade entre os integrantes e contribui para uma formação mais crítica em relação à cidade e as contradições que marcam a sociedade urbana.

Palavras Chaves: Território, Rap, Hip-Hop, Resistencia, Batalha de Mc's, Três Lagoas-MS.

RESUMEN

La investigación tuvo como objetivo analizar el movimiento hip-hop, especialmente el RAP en Três Lagoas-MS, en diálogo con el concepto de territorio, siguiendo las prácticas de apropiación espacial de los integrantes del movimiento. Exploramos cómo este movimiento marginado, a menudo por la sociedad, influye en el proceso de urbanización y en el modo de vida urbano, especialmente entre quienes lo integran. Nuestra hipótesis central es que el hip-hop no solo se integra al modo de vida urbano, especialmente entre jóvenes de las periferias, sino que también contribuye a la formación crítica y social de los involucrados. Realizamos entrevistas con guiones semiestructurados, observaciones participantes, integrando el movimiento en la ciudad, algunas conversaciones informales que también ayudaron a componer el conjunto de información trabajada en este texto, junto con una revisión teórica sobre el tema. Consideramos que el hip-hop aborda temas muy relevantes para los sujetos sociales que viven en las periferias urbanas, como la marginalización, la desigualdad y los estigmas, que son muy presentes en las batallas de rimas, que ocurren predominantemente en importantes espacios públicos de la ciudad. A lo largo de la investigación, confirmamos nuestra hipótesis de que el movimiento fortalece una identidad entre los integrantes y contribuye a una formación más crítica en relación con la ciudad y las contradicciones que marcan la sociedad urbana.

Palabras Claves: Territorio, Rap, Hip-Hop, Resistencia, Batalla de Mc's, Tres Lagoas-MS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Folhinha impressa da batalha do Pesadelo	21
Figura 2: Mapa Batalha de Rimas Três Lagoas - MS.....	25
Figura 3: Oficina de Graffiti Escola Estadual.....	33
Figura 4: Graffiti DRK	34
Figura 5: Batalha do pesadelo biblioteca central	36
Figura 6: Batalha do pesadelo feira central.....	39
Figura 7: Batalha do pesadelo biblioteca municipal	40
Figura 8: Batalha do pesadelo parquinho circular da Lagoa	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
METODOLOGIA.....	12
CAPÍTULO 1: <i>Traficando informação: A territorialização do movimento hip hop</i>	14
CAPÍTULO 2: <i>Fortificando a desobediência – contextualização histórica do movimento</i>	18
2.1 As Batalhas.....	20
CAPÍTULO 3: <i>Glorioso retorno de quem nunca esteve aqui – O hip hop em Três Lagoas</i>	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
ANEXOS.....	45

INTRODUÇÃO

O objetivo central dessa pesquisa foi analisar o movimento hip-hop com ênfase no RAP em Três Lagoas-MS em diálogo com o conceito de território, seguindo as práticas de apropriação espacial dos integrantes do movimento. A sigla "RAP" vem do inglês "*Rhythm and Poetry*" (Ritmo e Poesia), que retrata, com letras subversivas, as desigualdades sociais impostas para e vividas pelas minorias.

Combinado a isso, as letras das músicas dão enfoque em movimentos marginalizados, como eles influenciam no processo de urbanização e no modo de vida urbano, colocando em pauta debates como a segurança, a marginalização dos movimentos sociais e a ocupação dos espaços (sobretudo espaços públicos) por parte desses movimentos culturais.

O rap é um discurso rítmico com rimas e poesias, que surgiu no final do século XX entre as comunidades afrodescendentes nos Estados Unidos. É um dos quatro elementos¹ fundamentais da cultura hip hop. Esse movimento insurgente, vem ganhando visibilidade na sociedade, inclusive na academia com núcleos de pesquisas em diversas universidades dentro e fora do Brasil.

Faço parte desse movimento, posso dizer que fui grandemente influenciado por ele em minha formação enquanto sujeito social crítico, morador da cidade de Campinas-SP, cidade na qual nasci e cresci e vivenciei em meu cotidiano diversas dificuldades relacionadas à minha condição periférica², para usar um termo de D' Andrea (2020). Isso influenciou a escolha deste tema e a construção dessa pesquisa, inclusive sendo muitas vezes facilitado o processo de produção de informações entre os integrantes do movimento em Três Lagoas, por meio das entrevistas e conversas durante as manifestações/batalhas, como será mais detalhado adiante.

Temos como hipótese de pesquisa de que o movimento hip hop além de integrar o modo de vida urbano de parte da população, principalmente jovens, moradores de periferias, contribuem para a formação crítica e social desses sujeitos sociais envolvidos no movimento.

¹ Os 4 elementos primordiais da cultura hip-hop são: o DJ, o Grafitti, o *Breaking* e o Rap.

² Morador do DIC (Distrito Industrial de Campinas) cerca de 15 KM do centro da cidade.

Como aponta Barboza e Lima, (2012) a formação crítica social, segundo a perspectiva gramsciana, é um processo social complexo. Gramsci critica a visão simplista de causa e efeito entre estrutura e superestrutura, destacando a interação dinâmica. A concepção positiva de ideologia vai além da falsa consciência, reconhecendo seu papel ativo na construção de significados. A hegemonia, central em sua teoria, guia a afirmação e difusão das ideologias, e a indissociabilidade entre luta política, econômica e ideológica é crucial para compreender a realidade social contemporânea.

Para desenvolvermos nossas reflexões, dividimos o trabalho em três capítulos, nomeados com obras importantes de um álbum do RAP nacional. No primeiro capítulo “Traficando informação: a territorialização do movimento hip hop”, apresentamos o referencial teórico da pesquisa, sobretudo um debate acerca do conceito de território e poder, neste capítulo também apresentamos alguns breves elementos sobre o grupo estudado.

No segundo capítulo “Fortificando a desobediência”, apresentamos a história do hip hop, origens e as principais redes de difusão. Por fim, no terceiro capítulo nomeado “O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui” apresentamos os resultados desta pesquisa, ou seja, uma análise de como o movimento hip-hop se manifesta na cidade de Três Lagoas, as formas de territorialização e um debate sobre a posicionalidade de alguns integrantes no movimento, de modo a trabalhar com nossa hipótese de pesquisa.

Por fim, a frase que inicia o título deste trabalho “Não teste a Febre é o Rap de MS”, foi criada pela MC de Três Lagoas La Brysa, em uma batalha na capital do Estado Campo Grande/MS e marca um pouco dessa “cultura transterritorial” (Turra Neto, 2013) que caracteriza o movimento hip-hop que se expressa através de uma cultura juvenil transterritorial que, localmente, possibilita a constituição de uma rede de sociabilidade juvenil.

METODOLOGIA

A metodologia desenvolvida na construção desse trabalho se deu por meio de pesquisas bibliográficas sobre o conceito de território e sobre o movimento hip hop no Brasil, bem como seu contexto histórico fora do país. Combinado a isso, foram feitas entrevistas (com roteiros semiestruturados)³ com integrantes do movimento hip hop de Três Lagoas com o intuito de analisar e entender, a perspectiva dos entrevistados e como esses se relacionam com o território no qual integram/e produzem, isso, dentro de nosso objetivo de pesquisa. Junto com as entrevistas foram feitas observações participantes, obtenção de dados (muito gerais) no grupo de “WhatsApp” que contém integrantes do movimento. Uma vez que integramos o grupo, o movimento hip hop em Três Lagoas.

Os instrumentos metodológicos utilizados e (re) modelados para o desenvolvimento dessa pesquisa são (majoritariamente) de caráter qualitativo. Pretendemos dar protagonismo aos sujeitos sociais que integram e dão “corpo” ao movimento e suas interferências para as modificações e ressignificações dos espaços – no processo de territorialização. Uma vez que, o território enquanto relação de poder projetada no espaço, não aparece impresso de forma concreta, mas é fruto da ação e negociação de sujeitos sociais que se manifestam nesse espaço, sendo necessário assim o estudo da espacialidade, para chegar ao território constituído (Turra Neto, 2012).

Na tentativa (e esforço) de me engajar em uma ciência dialógica, sabendo da não existência da neutralidade no discurso e na pesquisa, nos alinhamos neste trabalho junto as ideias de Turra Neto (2012). De acordo com o autor, as características da ciência dialógica no âmbito da metodologia qualitativa buscam dialogar com nossas próprias relações subjetivas individuais, principalmente por sermos no momento da pesquisa, sujeito pesquisado e sujeito pesquisador.

Ainda, conforme o autor, o estudo em profundidade é focado para casos específicos nos quais não tem a responsabilidade de analisar muitos (e grandes) fenômenos, utilizando sempre do próprio contexto como núcleo central da informação, se baseando na experiência do investigador e o diálogo que se estabelece com o sujeito como instrumento central para a produção das informações, enaltecendo a particularidade descritiva no sentido de não perder nenhum detalhe do que é

³ Anexo I.

apresentado (Turra Neto, 2012). Ainda que isso tenha sido bastante desafiador, nos esforçamos ao longo da construção desta pesquisa.

Realizamos seis entrevistas com integrantes do movimento hip hop em Três Lagoas, sendo eles: Mc Brysa (de 29 anos), Mc Fada (de 25 anos) e Mc Tony (19 anos), Mc Rwtthemaryma (25 anos), Professor Leles (30 anos), MC Markyn (19 anos), DRK (20 anos). Combinado a isso, utilizamos com fonte de informações a nossas próprias experiências no movimento, enquanto integrante, como já foi evidenciado; principalmente pelas observações em campo, nas batalhas de rima.

Realizamos também levantamento e análise de entrevistas de podcast com figuras importantes para o movimento em escala nacional, para entender como esse se articula politicamente com os movimentos locais, menores que atuam em escala local e a importância das práticas ligadas a poesia nas cidades, dentre eles destacamos o poeta Sergio Vaz. Tanto os trechos destas entrevistas, com personalidades do movimento, quanto as entrevistas produzidas em campo, são postos em formato de citação direta no texto, de forma fiel a linguagem usada pelos sujeitos sociais.

CAPÍTULO 1: *Traficando informação: A territorialização do movimento hip hop*

*“Minha palavra vale um tiro,
eu tenho muita munição”
Mano Brown (Racionais MC’s)*

Neste capítulo apresentamos uma discussão teórica acerca dos conceitos que fundam essa pesquisa de monografia: de território, territorialidade e algumas abordagens por meio das relações de poder, isso em uma tentativa de tecer um diálogo com o movimento hip hop em Três Lagoas – nosso objeto de pesquisa.

Para embasar a abordagem teórica utilizamos principalmente das obras de Sack (1986) Silva (2011), Souza (2015) e Turra Neto (2012). Elegemos algumas ideias mais pertinentes dos autores que dialogam de forma mais direta com nosso tema de investigação.

A palavra território que se originou no latim tem o significado de pertencer a alguém, segundo Silva (2011) as primeiras conceituações de território eram equivalentes à compreensão de delimitações de um Estado-Nação, por estar diretamente associado ao controle de um Estado ou governo sobre um determinado espaço.

O conceito de território se origina de uma corrente clássica de pensadores, como o geógrafo alemão Ratzel (1897) que pensava o território como base espacial para tomada de poder, manutenção e controle de determinado espaço, com pouca associação à questão humana (sujeitos sociais/debate mais contemporâneo) e subjetivas do espaço (que é o que nos interessa para analisar as relações sociais que perpassam nosso foco de pesquisa - as batalhas de rima em Três Lagoas/MS). É evidente que as conceituações e formulações de Ratzel estavam atreladas as necessidades políticas e econômicas da época, assim, o conceito, ligado a ideia de apropriação, legitimava muitas ações dos países imperialistas no domínio de novos territórios, no século XIX.

Já no período mais atual, autores como Silva (2011), Souza (2015) e Turra Neto (2012) debatem sobre a territorialidade e como ela estaria ligada intimamente as relações de poder que nos rodeiam, trazendo uma complexidade que contribuiu para

a definição deste conceito, que na geografia moderna também o trata de forma mais abrangente, contemplando diversas formas de produzir territórios para além da atuação do Estado.

Observamos que os conceitos se desdobram, são recriados e ressignificados, mas isso não anula outras vertentes clássicas do conceito, há uma coexistência conceitual na geografia. Apresenta-se na geografia contemporânea e de forma cada vez mais evidente, pesquisas que compreendem o processo de territorialização por meio de outras formas de poder, relações de poder exercidas no próprio cotidiano de diversos grupos sociais.

Nesse sentido, Souza (2015) aponta que na geografia o conceito está carregado de um uso genérico entendido apenas como uma grande extensão de terra, porém como o próprio autor nos apresenta o conceito, em suas pesquisas, vai além da ideia de território enquanto espaço definido por relações de poder de um Estado Nação, mas passa a considerar as relações sociais de grupos em suas práticas espaciais que definem territórios, pelas apropriações.

Soja (1999) pontua que o espaço é um produto social organizado em dois sentidos: o político e o ideológico e que se expressa em relações sociais, o mesmo espaço pode ser território para alguns e não para outros, sendo assim, nem todos os espaços sociais são um território, somente aqueles que são apropriados. Assim Silva (2011) apresenta que território é diferente do espaço pois é um instrumento de exercício do poder. O território está vinculado às lutas de dominação e insubmissão que acabam por produzi-lo. Por isso o campo de forças onde se desenvolvem as relações de poder torna-se território em determinado espaço/tempo.

Defendemos o uso do conceito de território para esta pesquisa, haja vista que há uma relação de poder posta quando o grupo se apropria de alguns espaços para desenvolver as batalhas, em específico espaços públicos, centrais e de visibilidade, em que o grupo possa ser visto, isso constitui um ato político do movimento. Inclusive isso gera em algumas circunstâncias conflitos, uma vez que é um movimento estigmatizado por parte da sociedade.

Mas, permanecer nos espaços públicos, usufruir de todos os direitos que eles garantem, configura-se como um exercício político na vida social (Gomes, 2018). Essa prática não apenas reflete a ocupação física desses locais, mas também simboliza uma participação ativa e consciente na esfera pública, contribuindo para a construção

e afirmação de uma cidadania por parte do movimento. Combinado a isso, significa estar e praticar no centro, uma cultura da periferia. O entorno da Biblioteca Municipal (Lagoa Maior) e a Praça Ramez Tebet (ambos espaços públicos centrais na cidade), são os espaços mais usados/apropriados para as batalhas em Três Lagoas; debate que retomaremos, mas adiante.

Ainda no debate acerca do poder, é interessante colocar que o poder em si, nem sempre está relacionado com alguma forma de violência, como Souza (2013) ressalta, no senso comum e até mesmo em teorias políticas ou do campo da ciência, quase sempre há uma relação direta do termo poder com ideias de dominação, violência e autoridade.

Segundo Arendt (1983) o poder só pode existir em determinado grupo de pessoas, o poder desaparece quando as pessoas se separam. Ainda na visão da autora o poder é uma habilidade humana de agir em sinergia com o grupo, sendo assim o poder não está na propriedade de alguém, ele pertence ao grupo e só existe enquanto o grupo estiver junto, assim quando é dito que alguém está no poder é apenas o poder do grupo que está investindo nesse indivíduo. Souza (2015, p. 79) coloca que:

O poder não é uma "coisa", algo que possa ser estocado; ele não pode ser armazenado, mantido e reservado para casos de emergência, como instrumentos da violência: só existe em sua efetivação.

Dentro do Hip-hop, há um sentimento de coletividade e práticas que confirmam a existência de um grupo e de relações de poder, estas não sendo de autoridade e não expressa violência. A expressão “nóis por nóis” é um dos termos nativos do movimento usado com frequência para se referir a ajuda mútua dentro da cena, ou seja, uma coletividade, mesmo que isso não significa ausência de poder, de relações de poder. Remete a ideia de poder e proteção ao grupo, como os próprios MC's (mestre de cerimônia) de Três Lagoas e do cenário do rap nacional de forma geral pregam o *slogam* o “Rap é união”, sempre enaltecendo o coletivo e a apropriação coletiva dos espaços.

Mesmo diante das contradições internas que permeiam o movimento, assim como tantos outros movimentos sociais, já que os indivíduos são plurais, o hip hop é um movimento que se debruça na tentativa de resgate da marginalização do jovem

periférico, sendo considerado como agente social transformador de sua realidade (Dias, 2019), tendo este protagonismo.

Como já afirmamos, as batalhas de rimas acontecem em Três Lagoas em frente a biblioteca municipal, às margens da Lagoa Maior, sendo este espaço um dos principais espaços públicos da cidade e central, ou seja, vemos uma cultura periférica sendo praticada em uma área central da cidade em que possui bastante visibilidade de diferentes grupos sociais. Principalmente aos domingos, finais de tarde e à noite as batalhas iniciam, justamente quando há também maior movimento de pessoas na Lagoa Maior, praticando outras atividades – caminhadas, tomando tereré, jogando bola etc.

Consideramos que nos momentos que as batalhas acontecem, o grupo praticante do hip hop territorializa aquele espaço, imprime uma relação de poder naquele espaço/tempo; quando o grupo dispersa o território deixa de existir.

Além das relações de apropriação do espaço pelo grupo, permeada de uma relação de poder, há as relações de poder também dentro do movimento hip hop, o que é possível observar na sinergia das batalhas dos “chama”. Os “chama” assim denominados pelos integrantes do movimento hip hop, são os gritos de guerra em que a plateia incentiva em uma só voz como um jogral os MC’s darem seu máximo na rinha, ou seja, na competição.

Se coloca também a pensar como esse é um “movimento em movimento”, ou seja, em constante expansão, transformação e renegociações, o que expressa toda sua pluralidade, para isso, o movimento necessita de espaço para acontecer, para que o grupo possa se expressar e produzir seus territórios, por determinados períodos. Trazendo para algumas áreas centrais da cidade vozes das periferias urbanas, uma polifonia que expressa e anuncia muitas vezes, problemas que não querem ser ouvidos por outras classes sociais, mas o dizeres continuam sendo ditos.

CAPÍTULO 2: FORTIFICANDO A DESOBEDIÊNCIA: contextualização histórica do movimento

*O rap é tipo galileu e a sua teoria
Provou que o mundo não é centro, é periferia
Sarau da cooperifa, em plena zona sul
Resgatando mais gente do que o samu*

*Rap é milton santos, é paulo freire, é escola
Tem uns que estuda e outros que só cola
É a mãe da família que vira freestalylera
E improvisa com o pouco "dendá" geladeira
(Inquérito, 2018)*

Neste capítulo desenvolvemos uma contextualização do surgimento do movimento hip hop nos Estados Unidos e como foi produzido no Brasil (dentro das particularidades do país e das periferias urbanas), na década de 1980.

O movimento hip hop se popularizou, forma rápida e fortificada já como uma forma de resistência, em um momento de acirramento de lutas raciais e sociais nas periferias de New York, mais precisamente no Brox, na década de 1970, em um contexto de ação com grupos liderando como: os Black Panthers e líderes como Martin Luther King que estavam evidentemente insurgindo. Os próprios elementos como o *braking* o Graffiti e o rap já pautavam e ocupavam certos espaços da cidade.

Apesar de ter sua popularização (e expansão) nos, e a partir dos EUA, o movimento surgiu na Jamaica trazido para as Americas pelo DJ, Kool Herc, que incorporou nas batidas mixagem, riscando os discos de vinil nas agulhas. Foi Kool Herc que agregou microfone a mesa de som para fazer discursos ou fazer interações com a plateia, esse ritmo foi o que deu origem ao que conhecemos hoje como rap, o DJ além de tocar os discos também se encarregava de fazer novas músicas a partir das mixagens

Alguns jovens admiradores de Kool-Herc desenvolveram as técnicas do mestre. Grandmaster Flash, talvez o mais talentoso dos discípulos do DJ jamaicano, criou o scratch, ou seja, a utilização da agulha do toca-discos, arranhando o vinil em sentido anti-horário, como instrumento musical. Além disso, Flash entregava um microfone para que os dançarinos pudessem improvisar discursos acompanhando o ritmo da música, uma espécie de repente-eletrônico que ficou conhecido como Rap. Os repentistas são chamados de Rappers ou MC, isto é, *masters of cerimony*. (VIANNA, 1988, p.21)

Embora existam algumas traduções da expressão hip hop como balançar os quadris, neste caso o vocábulo hip em inglês tem a conotação de "o que está na moda, acontecendo neste momento", e hop seria um movimento de dança.

No Brasil o movimento hip hop surgiu na década de 1980 diferentemente dos EUA, por aqui o movimento se iniciou no centro da cidade de São Paulo, na Estação de Metrô da São Bento, com muita influência do gênero Soul Funk⁴, se expandido para a periferia com o surgimento das batalhas, atividades de lazer, para comunidades em que os moradores vivenciam, cotidianamente, muitas dificuldades em relação aos acessos a cidade: emprego, saúde, mobilidade, educação (...)

O Rap de protesto propriamente dito, se tornou muito forte dentro do movimento hip hop no Brasil, no qual prega ideias revolucionárias, de igualdade social, e de possibilidade de ascensão para as classes menos favorecidas. As narrativas do aumento da violência e crime, são temas comumente expresso nas letras de forma explícita, desde violência opressora às reações dos oprimidos, deixando claro que não é um movimento neutro e está fortemente engajado do ponto de vista político – social, com inúmeras letras de diversos artistas atacando os gestores do “país da fome⁵” termo usado e eternizado em letra pelo rapper Mauro Mateus dos Santos (1973 - 2003). Este popularmente conhecido como “Sabotagem” “maestro do Canção” que até hoje é um ícone da cultura rap nacional e ao morrer assinado (com 29 anos) se torna um mártir para o movimento no país.

Assim, no Brasil, o movimento hip hop configura-se como um movimento social juvenil marcado pelo protesto e pela contestação, o que também ocorreu e ocorre nos EUA, mas falando das características próprias das periferias das cidades brasileiras. Isso no contexto metropolitano.

O movimento defende consciência de classe e da sociedade que vivemos, colocando os elementos do movimento (rap, o graffiti, *breaking*), como instrumento de luta, de denúncias e de conformação de territórios na cidade.

Como aponta Rodrigues (2005) não é possível pensar o hip hop dissociado do lugar de onde se emerge, isto é as favelas, periferias e conjuntos habitacionais.

⁴ Um gênero musical que se originou em comunidades afro-americanas em meados da década de 1960, quando músicos afro-americanos criaram uma forma de música rítmica e dançante através da mistura de soul, jazz e rhythm and blues.

⁵ 70,3 milhões de pessoas estavam em 2022 estado de insegurança alimentar moderada, que é quando possuem dificuldade para se alimentar. O levantamento também aponta que 21,1 milhões de pessoas no país estavam em 2022 em insegurança alimentar grave, caracterizado por estado de fome.

Segundo ela, a trama do urbano constitui este movimento ao mesmo tempo em que este movimento se inscreve no urbano, se apropriando de suas formas e de seus conteúdos através das suas práticas para criar algo na cidade: são os grafites que colorem e dão outro significado à paisagem, são os grupos de break que através da dança mudam o ritmo da vida, são as letras dos *rap's* que ressignificam as periferias e favelas dos contextos metropolitanos, mas e nos contextos não metropolitanos? Vamos tratar do movimento em Três Lagoas.

2.1 As Batalhas

Quem tá é nois
Rima pro povo
E amanhã?
É nois denovo!
(chama BDU)

As batalhas, rodas de rima, ou duelos de MCs são encontros organizados pelos membros da cultura hip hop, em espaços públicos como praças, parques, pista de skate, arredores de escolas ou algum ponto de referência nas cidades. Em Três Lagoas, nas proximidades da biblioteca municipal da cidade é onde ocorre a batalha do Pesadelo (como já destacado), bem como ocorrem rinhas de MC's que se enfrentam através do poder de suas palavras fazendo freestyle que são rimas de improviso em cima das batidas, popularmente chamadas de *beat*⁶, ou até mesmo o *beatbox*⁷.

As batalhas possuem um mediador para organizar as chaves, que são os esquemas para organizar qual MC vai duelar com quem, muito parecida com os esquemas de chaves de futebol, sendo os duelos eliminatórios, e passando para próxima fase. As folhinhas, em que são anotadas as chaves, são muitas vezes feitas a mão na folha e no caderno na hora, mas em alguns casos são feitas digitalmente e impressas como no exemplo da Figura 1, os números de Mc's e chaves podem variar conforme particularidades de cada batalha.

⁶ Andamento rítmico pronunciado, principal característica do jazz.

⁷ Na música, o *beatbox* refere-se à percussão vocal do hip-hop; arte de reproduzir sons de bateria e efeitos eletrônicos com a voz, boca e nariz. Também envolve o cacarejo, imitação vocal de efeitos de DJs, simulação de cornetas, cordas e outros instrumentos musicais e, efeitos sonoros.

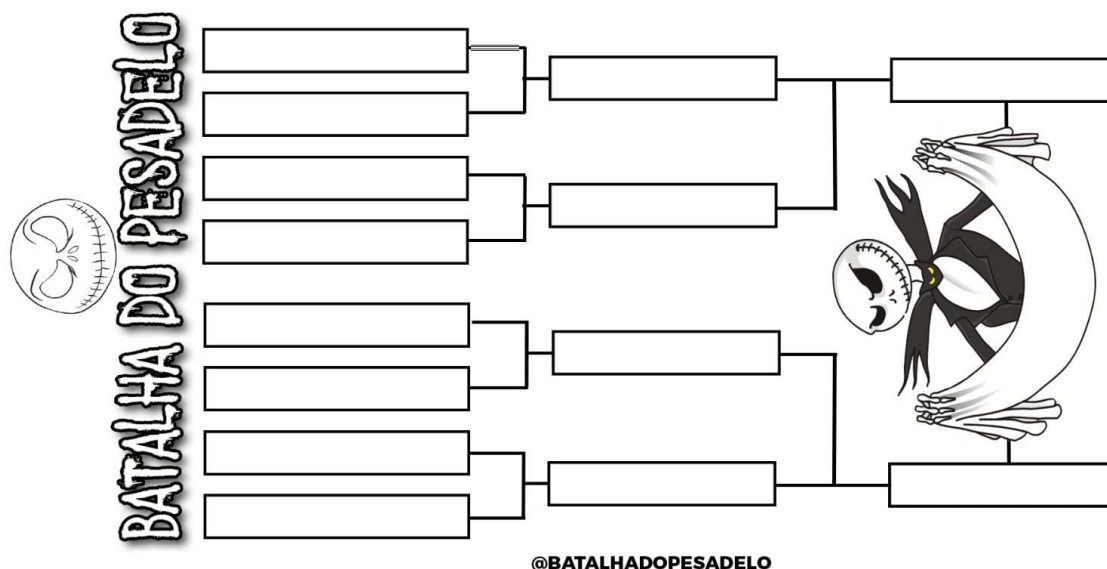


Figura 1: Folhinha impressa da batalha – para organização das chaves

Fonte: Grupo do WhatsApp Organização da batalha

Algumas vezes em batalhas mais importantes são alocados jurados, que tem o peso de voto igual ou maior que a plateia, que normalmente é quem decide o vencedor, que vota fazendo barulho para o seu MC favorito durante os três *rounds*, são muitos os momentos que os dois lados ficam acirrado, e fica difícil decidir só ouvindo, e é feita a contagem pedindo para que a plateia levante a mão para o Mc escolhido (lembrando que quem vota para um não vota para o outro), as palmas são puxadas normalmente em sinal de respeito quando a barulho para um Mc apenas.

Cada *round* pode ocorrer em forma de uma batalha simples de dupla ou até mesmo de trio, que pode acontecer em forma de bate e volta que são apenas 4 rimas de cada, ou cronometrando o tempo normalmente 45 segundos de rima para cada participante.

Porém não é regra cada batalha funciona de forma previamente combinado, o tempo e o número de rimas podem ser alterados conforme a necessidade, a vontade e o nível de interação entre os participantes. As chaves da batalha são organizadas na maior parte das vezes ali na hora mesmo - antes do início da batalha (Figura 1),

como foi explicado anteriormente os MC's que são derrotados são eliminados da disputa e seguem como plateia, estabelecendo nesse processo uma relação de poder internamente grupo e este grupo apropriando-se do espaço naquele momento.

Em uma outra expressão dessa relação de poder, agora menos hierárquica, vimos que dentro de alguns desses eventos há intervalos das apresentações, nestes momentos integrantes da plateia tem um espaço para expressarem seus versos seja com música, em forma de uma poesia ou mesmo a divulgação de algum trabalho, do artista publicado na internet.

Outro ponto a ser destacado no movimento hip hop, é o espaço que as “minas” (mulheres) tem no rap e vem cada vez mais ganhando. Movimento que é estruturalmente nascido em uma sociedade machista e capitalista. Entretanto, as mulheres principalmente negras e moradoras das periferias, tem um lugar de fala cada vez maior no movimento hip-hop, isso sem falar nos rappers homossexuais que estão ganhando vozes como Rico Dallassan e Gloria Groove. No próprio cenário das batalhas de Três Lagoas, a presença do público LGBTQIA+ é notória tanto no público quanto alguns participantes engajados no movimento, não que o hip-hop não tenha também uma base machista, mas preza primordialmente o respeito.

Isso coloca como preceito do movimento a luta de quebra de tabus e preconceitos como racismo, machismo e a homofobia que tanto estão impressos na sociedade como a condiciona a todo momento. Bem como, permeiam de forma massiva o espaço, a forma como vivemos o e no espaço. Esses preconceitos muitas vezes estão presentes dentro do movimento e continuam a refletir essas características preconceituosas, apontando assim, algumas contradições internas que permeiam o movimento. Entretanto como Sabotagem firmou em suas letras o “Respeito é pra Quem Tem” e o errado é cobrado; esses preconceitos podem até existir mais são velados muitas vezes dentro do hip hop, pois quando ficam explícitos são cobrados, pelos próprios integrantes do grupo. As rimas relacionadas e construídas com base em xenofobia, racismo, machismo são rechaçadas nas batalhas, a expressão de qualquer tipo de preconceito e ofensa, é proibido dentro das batalhas.

Existe o poder para os organizadores tirarem pontos dos MC's que não seguirem essa regra. Não tem uma espécie de estatuto escrito, mas existe um comum acordo algumas regras: por exemplo os MCs da batalha do Pesadelo que ocorre

comumente na biblioteca e seus arredores não podem rimar bebendo nem fumando, e devem ficar na roda assistindo as batalhas até o fim, os participantes devem procurar não dispersar e nem contribuir para a dispersão, com conversas paralelas ou práticas parecidas.

Dentro desse ambiente das batalhas, foi possível observar a horizontalidade do movimento nos quais os próprios integrantes se organizam para tomar as decisões, apesar de ter alguns organizadores a frente, que muitas vezes são os que tem acesso a meios como veículos para fazer o transporte dos equipamentos (caixa de som, microfone, tripé), mas há uma tendente horizontalidade nas regras das batalhas, o que favorece a coletividade.

Observamos que os participantes do movimento em Três Lagoas têm igual poder para tomar decisões sobre a roda, de forma autônoma e conjunta, exercendo assim um poder (político). Ao passo que os eventos acontecem sempre em espaços públicos, que são ocupados e territorializados pelo grupo, dando vozes àqueles que muitas vezes são silenciados e estigmatizados, como bem explicita pelo poeta Sergio Vaz⁸ (poeta brasileiro), organizador do Sarau Cooperifa, que acontece em São Paulo. Ele explicita que, essa relação poética na ocupação dos espaços ensina, educa e visibiliza essa população periférica ou mesmo que quase sempre estão socialmente posicionados periféricamente:

As pessoas simples vendedores ambulantes serem ouvidos, no sarau da Cooperifa, quando as pessoas fazem silencio para ouvir nossas dores, nossos amores, ninguém para para isso, e esses poetas insurgentes se sentem ouvidos, oralidade, no sarau da Cooperifa e quando a poesia desce do pedestal e beija os pés da comunidade eu faço a gentileza de falar e você faz a gentileza de ouvir, e nessa gentileza a cultura vai entrando, o amor a literatura, a cultura e a harmonia. O próprio clima vibra para que a gente aprenda um com o outro.

Em Três Lagoas são três batalhas que ocorrem, em três áreas do centro da cidade, em que os Integrantes do movimento se utilizam principalmente das redes sociais para a organização, marcarem datas e locais, conforme a disponibilidade dos artistas e organizadores. São elas: Batalha do Cinza (BDC), Batalha do Pesadelo (BDP), Batalha do Undergroud (BDU).

⁸ VAZ, Sergio. As Ideias- Podcast #29. Az Ideias Podcast. Episódio 29. Youtube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=12_18miMT4g. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

A Batalha do Cinza⁹, mais antiga da cidade, ocorre uma a duas vezes por mês, aos sábados. Teve início na Praça Ramez Tebet, mas com as repressões às apresentações, principalmente aos sábados à noite, a Batalha do Cinza passou a ser feita na pista de skate da Lagoa Maior, por um tempo, vemos os conflitos gerados por essa apropriação, de uma cultura periférica no centro da cidade, principalmente com outros grupos sociais que usam aquele espaço (praça) para outras práticas. A apropriação do espaço para a batalha acontecer passar para a pista de skate os conflitos diminuíram, pois passou a ser feita em um espaço mais ligado a cultura do hip hop.

Por sua vez, a Batalha do Pesadelo que foi criada no contexto da pandemia, acontece todos os domingos em frente a Biblioteca Municipal, surgiu na pista de skate, com o intuito de não deixar o movimento parado na cidade, que foi suspenso por conta da pandemia de COVID-19, quando foi suspensa a Batalha do Cinza por tempo indeterminado.

E por último a Batalha do *Underground*, que acontece as sextas feiras na pista de skate é uma batalha recente, mas que tem bastante engajamento de um público específico muito ligado ao movimento no qual já se utiliza do espaço da pista de skate seja para andar de skate, rimar e encontrar os amigos.

Evidenciamos por meio do mapa, Figura 2, os locais em que as batalhas acontecem, ainda que tenha um predomínio na pista de skate, vemos que o movimento se esforça para produzir territórios em outros espaços públicos, de preferência, de visibilidade – para divulgar a cultura e fazer ser ouvidos e vistos, de alguma forma.

⁹ Recebe esse nome em homenagem ao Mc Cinza que faleceu em um acidente de moto na Avenida Ranulpho Marques Leal, no ano de 2017, ele foi um dos organizadores das primeiras batalhas na cidade.

MAPA BATALHAS DE RIMA TRÊS LAGOAS - MS



Realização cartografica: VILELA, Denis (2023)

Dados: IBGE

Mapa Batalhas de Rima Três Lagoas – MS

Figura 2

CAPÍTULO 3: O GLORIOSO RETORNO DE QUEM NUNCA ESTEVE AQUI: O hip hop em Três Lagoas

“O rap é compromisso, não é viagem”

(Sabotage)

Considerando o território como conceito chave para compreender a lógica espacial do movimento hip hop, neste capítulo apresentamos as dinâmicas internas do movimento em Três Lagoas, por meio de materiais e informações empíricas coletadas em sites, entrevistas com importantes Mcs (Podcast) e geradas em trabalhos de campo, tendo como principal fonte de informações as entrevistas com Mc La Brysa, Mc Fada, Mc Tony, Mc Rwtthemaryma, Professor Leles e DRK.

O hip hop na atualidade, está em alguns quesitos um tanto quanto distante de seu pressuposto inicial de denúncia e luta social, movimentos dentro do hip hop como o trap e o funk ostentação, em ascensão no momento, está sendo muito incorporados pelos ideais capitalistas, se adaptando e engajando os integrantes funcionalmente para a defesa de símbolos que representam a riqueza (joias, carros...), inclusive valorizando/enaltecendo a cultura machista em que muitas vezes a mulher aparece nas cenas como mais um objeto adquirido.

Com avanço do meio técnico científico informacional (Santos, 2018) (principalmente pelo uso/divulgação nas redes sociais) essa apropriação e com o ganho mundial de notoriedade funciona conforme o jogo do capitalismo, vendendo uma ascensão social de forma diferente da proposta inicial do movimento (que era de crítica ao sistema). Há o incentivo ao consumo de símbolos e signos da ostentação como: tênis e roupas de marcas caras, correntes de prata e ouro, grills - coroas que se colocam nos dentes e que podem ser feitas de vários materiais, como ouro ou prata, ou que podem ter uma cobertura com diamantes, dentro outros objetos.

Entretanto o rap como movimento social crítico ainda existe e resiste mesmo em meio a essa apropriação, confirmamos isso por meio das entrevistas e diálogos com participantes das batalhas de Três Lagoas: “o rap salvou minha vida”, “mudou minha visão de mundo”, são frases comumente relatadas por vários integrantes. Assim

como explicitado na entrevista do Podcast com Eduardo Taddeo¹⁰, que explicita da mesma forma esse caráter transformador de vidas e a importância da militância dentro do movimento.

Primeiro momento se quer escrever porque surgiu o rap na sua vida você quer participar também, ainda não tem muita noção da formação da música da representatividade que é esse estilo musical não tem muita dimensão, ai depois a cada depoimento do público o cara chega e fala “mano estava tirando uns dias, ouvi, estudei dentro do sistema penitenciário, estava ali me drogando parei com as drogas me tornei um marido melhor etc”. Quando você vai entendendo a dimensão da música você entende que é **mais do que música, que é mais do que show isso aqui é militância, isso faz uma revolução**. Então de repente aquilo que Malcon X tentava fazer de subir no caixote e falar com o povo ali no Brooklin, tentar passar a caminhada dele, nós temos a oportunidade através da música. Ai você entende a proporção do que é o RAP, a importância e o poder de transformação. Ai como diz o Sabotagem “Compromisso não é viagem”, agora eu estou no bagulho e tem pessoas que dependem daquilo que eu escrevo, agora dependendo do que eu escrever eu posso salvar um monte de gente mano, posso trazer uma perspectiva diferente, **tem uma lacuna na educação, tem uma lacuna no centro cultural que não tem na quebrada. O rap pode preencher, o Rap é nosso Black Panther** (grifo nosso).

A narrativa de Eduardo Taddeo reforça o caráter de crítica do movimento hip hop, da possibilidade de mudança de visão de mundo de muitos sujeitos sociais periféricos, que quase sempre se veem excluídos das cidades e de tudo que ela representa e oferece (claro, como mercadoria). Combinado a isso, ele toca em um assunto bastante importante que é a ausência desses debates na educação formal “uma lacuna na educação” e isso inclui a universidade.

Laysa aka La Brysa, conhecida como MC La brysa uma das MC's mais antigas da cena que acompanha e milita pelo movimento em Três Lagoas, afirma que:

Meu primeiro contato com o hip hop foi numa roda de *breaking*, achei muito foda e comecei a dançar. Mais pra frente começou o programa manos e minas e comecei a ver a cena como um todo. Hoje sou MC, e organizadora de batalha, mas pretendo voltar a dançar. Tenho contato com os 4 elementos, já tendo feito alguns "grapixo" e tentando entender como funciona o corre de ser uma dj. Participo da batalha desde sua criação, quando o Cinza ainda era vivo. Inclusive, ele fez a maior parte dos corres pra poder rolar a batalha. Alvará, caixa... na época até mesa de som da prefeitura a gente usava. Mas infelizmente

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V21QAqjPdo>, acesso em 18 de nov. de 2023. Eduardo é ex cantor do o grupo Facção Central um dos grupos mais importantes do cenário nacional.

a pandemia teve um peso grande na batalha, já que ficamos quase dois anos parados. Isso fez diminuir bastante a quantidade de público na volta da batalha (La Brysa, MC em Três Lagoas).

O movimento durante a pandemia foi realmente enfraquecido, como aponta La Brysa, o público enfraqueceu, a perda de um espaço físico possivelmente foi o principal fator desse declínio. Foi rompido naquele momento o caráter de visibilidade ao público, onde o movimento conseguia se estabelecer se territorializar, nas praças e espaços da cidade, esvaziando assim as forças de mobilização e de visibilidade para o movimento.

Essa afirmação da La Brysa, aponta uma das características mais importantes dentro do hip hop, uma espécie de movimento em movimento e dessa constante expansão e de novas articulações, haja vista a criação da Batalha do Pesadelo em 2020 após o fim da Batalha do Cinza e início da Pandemia de COVID 19, momento em que todos os encontros e por conseguinte as batalhas foram canceladas por tempo indeterminado. Segundo os criadores da Batalha do Pesadelo ela foi pensada para ocorrer para que os MC's não ficassem sem praticar. Os Mcs faziam as batalhas de forma remota, cada uma em sua casa e transmitia pelo canal Youtube, para os demais praticantes.

Como afirmaram alguns participantes era necessária essa volta, pois para muitos (talvez a maioria) a música rap e as batalhas funcionam como uma “terapia” para poderem refletir e desabafar sobre toda a situação que o mundo e os participantes de encontravam, naquele período de isolamento social e espacial e de modo mais amplo (para além da pandemia/mas combinado a isso) continuar nas reflexões acerca das desigualdades históricas que marcam o modo de vida das pessoas nas cidades brasileiras.

Com as devidas precauções de biossegurança, quando algumas normas foram sendo afrouxadas, as batalhas passaram a acontecer na pista de skate, ao entorno da Biblioteca Municipal e no parquinho, todos esses espaços localizados na circular da Lagoa Maior, um dos principais espaços públicos da cidade e com bastante visibilidade¹¹. Esses primeiros encontros, ainda no período de pandemia, tinham com

¹¹ Pois é frequentado por diferentes pessoas em diferentes horários para práticas de lazer, descanso e esportivas. Principalmente aos finais de semana recebe um número muito significativo de pessoas que se apropriam dos gramados, quadras, pista de skate e de caminhada.

número reduzido de participantes, devido principalmente ao medo que as pessoas sentiam naquele momento do vírus e dos riscos de contaminação.

Mesmo em meio a ascensão do Rap “hype” TRAP¹² e Funk que se popularizam cada vez mais com as mídias sociais, e sem um caráter esteticamente político, e reivindicatório ele não se perde totalmente a seu fundamento, pôr em grande maioria pontuar a origem dos MCs: a Favela e os Guetos, sendo praticamente impossível dissociar a ritmo desse espaço cultural periférico, que foi e ainda que não em totalidade, continua sendo questão central das letras.

As batalhas que acontecem em de Três Lagoas ainda são bastante ligadas à crítica às questões sociais, ligadas principalmente a desigualdade que caracteriza nossa sociedade, ao processo de periferização (mesmo em uma cidade não metropolitana), e de certa forma de denúncia às muitas dificuldades vivenciadas pelos moradores e moradoras das periferias da cidade.

Nesse sentido, é possível pensar, por meio do movimento hip hop na existência ou consolidação de uma de consciência de classe entre os integrantes (ainda que isso exija mais debate dentro de uma pesquisa científica). Como pontuado por Eduardo Taddeo o RAP interfere de diferentes formas na vida do sujeito periférico, ele pontua que, o seu Rap tem o intuito de salvar vidas e fazer revoluções, passar as informações de diversas formas para aqueles que não tem acesso, escrever o rap pensando para além da ideia de alguém curtir a música, mas sim em um intuito revolucionário, no sentido da reflexão com a realidade do excluído, fazer o público entender a importância de buscar os direitos que lhes são negados como moradia e educação. As narrativas expõem a violência e as mazelas, das periferias e do sistema carcerário, ativista comprometido movimento hip-hop, quando questionado sobre o porquê não entra na política, Eduardo pontua que:

Irmão eu estou na política o tempo todo, **o que eu escrevo é político**, a gente está na política, a política está o tempo todo na quebrada, (...) o rap pontua sobre problemas sociais a mais de 30 anos(...) incentivo todos que são da periferia a entrar na política, a fazer um projeto social, se engajar politicamente, conquistar seus espaços, que mesmo que o cara não tenha uma boa formação política não entenda das leis das normas, ele viveu, ela tá de certa forma preparado. (grifo nosso).

¹² *Trap* é um subgênero do *rap*/hip-hop que surgiu na década de 2000. O estilo é caracterizado por conteúdo lírico e agressivo e som que incorpora a caixa de ritmos Roland TR-808.

Eduardo comenta bastante em sua entrevista sobre os diferentes tipos de violência que vivenciam os sujeitos sociais periféricos, que quase sempre são culpados pela própria pobreza e mazelas que vivem na cidade, fala sobre a falta de acesso a tantos serviços e como isso impacta na vida dos jovens e por meio do movimento hip hop isso pode ser falado e compreendido por aqueles que passam a integrar, inclusive sendo uma ferramenta de luta – a própria conscientização e compreensão dos tipos mais profundos de violências que sofrem os mais pobres no Brasil.

Só esclarecendo, no Brasil, a palavra violência restringe-se as agressões físicas e psicológicas cometidas por cidadãos pobres. Sendo assim, exclui-se do vocabulário local e do conhecimento popular, a violência política, religiosa, institucional e cultural. Até porque, seria mais complicado arrumar laranjas para segurar as broncas desses tipos de modalidades. Por exemplo, não dá para jogar nas costas de um favelado, o massacre de intelecto realizado pelos órgãos de comunicação. Para que uma mentira produza frutos, é preciso que no mínimo, ela tenha argumentos que colem. Por isso nos empurraram a fatura dos atos brutais derivados da criminalidade. Mesmo tal acusação sendo infundada e inverídica, muitos, incluindo boa parte dos moradores das favelas, a engoliram. E desde então, ficou definido, que no tocante ao surgimento dos campos de batalhas nacionais, seríamos nós, os favelados, únicos e exclusivamente, os culpados!? (TADDEO, p. 101. 2012).

Assim, há resistências que não podem ser desconsideradas, de pessoas que lutam com suas rimas dando vozes aos que não tem, e com as redes sociais alcançam milhares de pessoas, como os próprios versos citados, com 11.643.912 visualizações no Youtube, Favela Vive 5 do grupo ADL (Além da Loucura). As rimas retratam o cotidiano violento do Brasil e as opressões sofridas pela população periférica com a presença de Mc's notórios na cena e com a presença especial de Leci Brandão ícone da música popular brasileira, nos versos são apresentadas também essas contradições internas do movimento que ao mesmo tempo que incorporado pelo sistema faz a crítica. Também fala sobre a favela para além da violência, mas também lugar de resistência, de paz de famílias e de conhecimento, em que se expressa uma espécie de educação popular, vivida entre a teoria e prática, como pontuado nos versos:

Cês quer me enterrar, mas eu sou semente
 Não sou o bala, eu tô mais pras mães que pulam na frente e defende o filho
 adolescente que sente demais
 Quanto é diferente um pai que te aguarda de um pai com aguardente
 É urgente
 Esperançar mais que só ter esperança
 Falo de adultos de 12 de idade
 Com o bonde formado, breve em faculdades
 A tropa avança, favela
 F, família
 A de aliança
 V de visão
 E de equidade
 L, lili, liberdade
 A, um dia nós alcança
 Cato um malote, ao invés do cordão, boto um centro de esporte e cultura
 Fala pra eles, fé nas crianças, favela cria
 Coisas além da loucura
 Mais que a cintura, ignorante é abraçar esses caô do opressor
 Só fala de marca
 Marca alguns jovens que ainda não distinguem entre preço e valor
 Eu tô na luta por mais líderes que seguidor
 A cena mudou e a postura manteve
 Rap real, tipo que tá faltando
 Essa porra arrepia, aqui é Favela Vive!

Esse movimento é também político seja na mensagem passadas por meio das letras, seja através dos elementos do hip-hop que marcam muitas vezes o espaço urbano, como grafite. Assim como outros movimentos sociais insurgentes (Souza, 2015) que são coagidos pela opressão do estado, o rap apresenta, nas narrativas, esses conflitos, desde a opressão de minorais como a luta de classe, a luta racial, contra LGBTfobia.

A luta ambiental também é pauta dentro do movimento, o que é bem particular em Três Lagoas. A luta pela segurança alimentar, o uso e consumo agroecológico são expressos em letras, que faz o questionamento do próprio agronegócio que movimenta o PIB da cidade Três Lagoas como apontado nos versos a seguir.

Eu não trago resposta, também não fumo dúvidas,
 na direção oposta, insustentáveis rubricas,
 suficientes pro fim do bioma,
 vocês são glifosato nois é torta de mamona,
 e pau no c# do agro,
 pop é braquiária,

seis quer passa boiada
e pros grileiros da medalha
(Rajja – Orgânico)

Em diálogos com um dos organizadores do movimento em Três Lagoas que está na organização das batalhas há quase cinco anos, ele afirmou que testemunhou uma notável evolução, tanto em métrica quanto em ideologia nas batalhas em Três Lagoas, isso quer dizer que o movimento está passando por uma notável evolução, e buscando assim novos espaços.

Muitas coisas mudaram para ele. Houve um notável aprimoramento das rimas e ele percebe avanços na cena como um todo, inferimos que isso se deve a um possível engajamento maior dos jovens pobres das periferias urbanas na cultura do hip hop, combinado ao avanço dos meios de divulgação e utilização, pelos Mc's dessas mídias sociais. Consideramos que ainda há aspectos a aprimorar, como o suporte financeiro, patrocínios e o apoio entre os MCs, mas o movimento continua em movimento e “batalhando” para permanecer e crescer.

Há um outro ponto de relevância no debate quanto ao hip hop no Brasil, que é a estigmatização das batalhas, muito atrelado ao preconceito existente nas cidades em relação aos moradores das periferias e à essa cultura, associada ao crime e ao perigo. Nesse sentido, há um empenho em mudar essa percepção, com diversificados projetos como a visita em escolas para mostrar que o movimento não é o estereótipo que muitos rotulam, nem a imagem que algumas pessoas associam equivocadamente à cultura hip hop, de cenários de balburdia e uso de drogas.

Iniciativas diretamente relacionadas a educação como a visita em escolas, Colégio Salesiano, o Bom Jesus e o Instituto Federal (IF), e até mesmo na própria universidade. Já ocorreu algumas apresentações dos coletivos, esses buscam difundir uma compreensão mais profunda da cena, da cultura do hip hop, inclusive com a possibilidade de integrar novas pessoas, que se identifiquem com o movimento. Por meio da Figura 3 mostramos uma oficina de Graffiti realizada na escola Estadual João Ponce de Arruda, em dezembro 2022.



Figura 3: Oficina de Graffiti Escola Estadual
Fonte: O autor

Ainda existe alguns seguimentos desses outros elementos onde há um grupo de hip hop, que representa a cidade na dança breaking e alguns grafiteiros, que expressam suas artes em alguns muros de Três Lagoas, como é o exemplo de DRK que nos cedeu uma entrevista explicitando um pouco da sua relação com o movimento. O artista que como estilo o graffiti bomb, que é uma espécie de letra para espalhar sua marca e colorir a cidade pontua que: “Estou dentro do graffiti por amor as ruas e a cultura underground, e até então pelas amizades decidi cair de cabeça nisso”. A Figura 3 evidencia um grafite, que integra a cultura hip hop e marca alguns espaços da cidade.



Figura 4: Graffiti DRK
Fonte: O autor

Há ainda um projeto em desenvolvimento (dentro do movimento hip hop em Três Lagoas) para criar workshops de rimas e poesias escritas, visando envolver mais crianças, jovens e adolescentes, com o intuito de tirar esses jovens da rua onde estão sujeitos o tempo todo a seguirem caminhos errados, como o das drogas e criminalidade, dando assim um apoio social mesmo que filosófico, despertando assim uma consciência crítica, como aponta em entrevista, um dos organizadores, que inclusive faz um paralelo entre o hip hop e a música sertaneja, que é pouco ou mesmo nada criminalizada no Brasil, isso está ligado ao que os ritmos e os movimentos estão ligados e representam.

A gente *ta* aqui pra mostrar o contrário que não somos aquele drogado que fica ali na esquina, a gente não é as pessoas que vai induzir seu filho usar droga nem nada disso a gente quer mostrar, que tem um modo dele parar e não ir pra rua ficar nas esquinas em roda de amigos se engrupir e acabar entrando no meio de coisas erradas, *ta* ligado/A gente quer mostrar que o hip hop é um sentimento do mesmo jeito que o sertanejo passa música de sofrência ou evolução o hip hop também,

só que dá quebrada. É outro ponto de vista, é um ponto de vista social que algumas pessoas ainda não têm, que são classes diferentes, que nem tem a classe média e nem a classe alta. A gente é da classe baixa mano, que batalha para ter as coisas, e a gente mostra isso no hip hop. (Fada, MC Três Lagoas)

Quando indagado os Mcs sobre o que é o movimento, eles apontam que veem o hip hop como um meio de expressão e liberdade, uma maneira de canalizar os acontecimentos do cotidiano e os sentimentos em forma de poesia, rimas e letras edificantes. Eles acreditam e defendem que aqueles que não apreciam o gênero deveriam se aproximar mais da cultura hip hop, pois muitas vezes ela é mal compreendida e vista com preconceito e carregada de estigmas sociais. Eles acreditam que é importante “abrir essa bolha” e dar espaço para a riqueza do hip hop, que vai além das batalhas, incluindo elementos como o grafite e o *breaking*.

Segundo o entrevistado Mc Tony, há um potencial enorme nesses conteúdos para ajudar jovens que podem estar se perdendo nas ruas (inclusive com ausência de uma identidade, algo bastante comum na juventude), assim como pais de família que podem estar passando por momentos difíceis. Mc Tony ainda aponta que ouvir as batalhas, as rimas e as músicas podem ter um impacto profundo na forma como as pessoas se sentem, pensam e vivem na cidade.

O bagulho é aquela fita de tentar se encontrar *ta ligado*? Mano se sentir livre né mano, tipo todo mundo quer se sentir livre vive em um sistema que nos aprisiona tipo cada um se expressa de uma forma mano *ta ligado*? Alguns escrevem um diário outros praticam uma rima, fazem um *freestyle*¹³ é isso que o hip hop traz, a liberdade de expressão de como agir pensar, se vestir e não botar uma máscara *ta ligado*? Eu acho que o pessoal que não entende não conhece o bagulho direito, já tem enraizado aquela parada do pré-conceito mesmo mano do bagulho ser marginalizado *ta ligado*? Mano é tipo todo mundo é bandido mexe com droga o Rap nunca foi isso entendeu, a pauta mano é que a gente é livre e a gente que pregar mais amor e paz a gente tem que ser e viver bem, a gente se ajuda *ta ligado*? É união, hip hop é compromisso (Mc Tony, MC Três Lagoas).

Como relato pelos próprios MCs a biblioteca tem uma função importante para a cidade, é um lugar de conhecimento, e nesse dia, em que os quatro MC's que

¹³ Dentro do rap existe o que se chama de *freestyle*- trata-se de uma rima feita no improviso (algo como o repente), existem disputas para descobrir quem é o melhor rimador de improviso, essas disputas são conhecidas como batalhas de *freestyle*.

estavam presentes, afirmaram que já frequentaram a biblioteca ao menos uma vez, seja para estudar ou para buscar o acesso a algum livro, como ilustra a imagem da Figura 5 da batalha, a biblioteca fica fechada no período da noite quando a batalha acontece, bem à frente da porta onde tem uma espécie de cobertura favorecendo caso aconteça de chover durante o evento.



Figura 4: Batalha do Pesadelo, em frente à Biblioteca Municipal
Fonte: Instagram de @batalhadopesadelotl, 2022

A territorialidade do movimento se dá por meio de diversos elementos: em primeiro lugar, o encontro do grupo, a sociabilidade em um determinado espaço pelos integrantes do grupo/movimento, durante um período. O barulho/o som em si é assim uma das principais formas de expressão do movimento, desde a votação do público para o MC escolhido até mesmo as batalhas; a votação é feita a cada *round* e o MC é escolhido pelo grito da plateia. Por exemplo: o apresentador após o fim do *round* pede para a plateia fazer barulho para o Mc X e depois para o Mc Y, aqueles que tiverem mais barulho (aplausos, gritos, assobios...) é eleito para um *round*. Quando não fica claro a definição pelo barulho, os mediadores pedem para que levatem as mãos (plateia), fazendo assim uma votação onde ganha o mc que tem mais votos. Em

alguns casos como batalhas de seletivas ou edições especiais, existem jurados, onde eles votam, baseado sempre nas rimas ideias e *flows*¹⁴.

O próprio movimento se expressa fortemente pelo barulho em que os “gritos de guerra” rimados e os populares “chama” que são expressão das ideias do movimento, que ocorrem com os Mc’s mediando com a plateia, recitando ao mesmo tempo em uma só voz ou como resposta. Um dos momentos que também chama atenção, é quando os organizadores incentivam a plateia e os Mc’s, quando o movimento está dispersando. Funciona mais ou menos assim um dos apresentadores grita: “foco na batalha” e os Mc’s e a plateia respondem “fogo nos racistas”.

Também é marcante expressão “sangue” que a plateia sempre grita para incentivar a batalha, que como uma espécie de coliseu de rua onde os gladiadores são os Mc’s e estão se enfrentando como adversário no ringue, porém suas únicas armas são as palavras que ecoam em cima das batidas do *beat*. Quando questionado para os Mc’s entrevistados de como eles veem os espaços quando não tem batalha (sem a relação de apropriação pelo grupo), esses apontam que é totalmente diferente de quando a batalha está acontecendo, quando os espaços assumem sentidos e significados e o território é assim definido pelas relações de poder que ali são impressas. Combinado a isso, por meio da fala de Mc Tony fica evidente que os espaços escolhidos para as batalhas não são neutros – Praça central Ramez Tebet e o entorno da Biblioteca Municipal – entorno da Lagoas Maior, são espaços “centrais”, na cidade, de significativa relevância. Assim o movimento da periferia torna-se concreto nos centros, quando acontece as batalhas de rima. Como explicita um dos MCs:

Tipo quando não tem batalha eu *to indo* pro trampo passo sempre pela praça [Ramez Tebet], tipo sempre uma brisa entendeu se passar olhar pro lugar e ver o tanto que você já fez ali mesmo que não foi gravado, mesmo que se não é famoso e o mundo inteiro viu entendeu? O tanto que já foi feito ali, o tanto que nois já deu de nós ta ligado? Ali mano tipo se ver aquele bagulho te da lembrança entendeu de que se deixou sua marca ali ta ligado? De alguma forma mano é todos os lugares da batalha entendeu, a biblioteca da Lagoa mano a gente já tem outra pira nois, **tá na frente de uma biblioteca mano o quão importante é uma biblioteca pública mano?** Tipo nosso governo não foca nessas paradas mano e nois ta ali fazendo um bagulho que é cultural na frente de uma biblioteca, vocês entendem como que é grande essa parada? Como que é a resposta de ta ali na frente ta ligado mano?

¹⁴ No rap, "flow" é a maneira como o rapper "encaixa" as palavras e frases no instrumental (beat). Seria o equivalente à "melodia" na música cantada.

Falando alguma parada mano que ce ta ali quando ce fala ce ta apoiando uma parada mano se quer mostrar alguma coisa pra alguém, tipo assim você quer passar uma visão ta ligado e se realmente ta mostrando aquela parada mano tem um resposta entendeu ? Ali não é qualquer lugar então nois não pode falar qualquer coisa e quando não tem batalha lá, nois passa la na frente, muita gente cola nas batalhas passa lá na frente mais fica a esma a biblioteca mano, como se não fosse nada, é um lugar comum. Mas nois sabe mano a importância dela ali, nois sabe que nois é tipo foi bonificado por ter uma biblioteca ali mano mesmo que não tenha uma em cada quebrada, **hip hop é cultura mano, é estudo, é conhecimento**” (TONY, MC Três Lagoas, grifo nosso).

Em outubro de 2023, ocorreram as batalhas para disputar a vaga para o duelo estadual de MCs que ocorrerá em Campo Grande, depois disso o ganhador disputará o duelo nacional, cuja batalha será em Belo Horizonte.

Para isso, na semana do dia 20 de outubro de 2023, ocorreram 3 batalhas em diferentes áreas da cidade – ainda que bem próximas – Praça Ramez Tebet, Pista de Skate e Biblioteca (sexta-feira, sábado e domingo). No domingo (dia 22 de outubro/2023) aconteceu a tão esperada seletiva, na qual como integrante do movimento fui convidado a ser jurado. A batalha ocorreu da forma padrão com o diferencial da pré chave em que os Mcs que chegaram por último se enfrentaram para decidir quem de fato ia a batalhar na seletiva.

Uma cena uma quanto tanto “inusitada” e inesperada, foi a chegada de uma viatura da polícia militar a alguns metros do local (Biblioteca Municipal). Muitos Participantes do movimento ficaram incomodados com a presença dos policiais (que apresentavam certa desconfiança em relação a nós), que são comumente citados nas letras em caráter de denúncia da violência polícia tão corriqueira no país como um todo; e como muitos apontavam ali já sofrida alguns membros do movimento. Muitas vezes até mesmo impedindo o acontecimento do evento, em forma de repressão, como aponta um dos organizadores em entrevistados:

A gente já foi muito impedido, teve uma época que foi impedido na praça Ramez Tebet, já foi impedido a batalha na pista também. Teve uma época que foi retirada de lá ta ligado? É muito difícil organizar batalha, impedida pela prefeitura, eles achavam que era marginalizada, eles achavam que lá o povo ia pra usar droga. A polícia, já foi até conselho tutelar na praça tá ligado? Já teve muita repressão, bomba de gás lacrimogênio, já chegaram atirando borracha, já teve muita abordagem pesada, na maioria das vezes chegando com truculência e ignorância (Mc Rwtthemaryma, 2023).

A repressão e marginalização do movimento já foi muito mais forte em outros tempos, como os próprios Mc's apontaram nas narrativas. Nos dias atuais o movimento vem se fortificando, conseguindo ocupar espaços antes inimagináveis, como apresentações em escolas, universidades, e até mesmo com algumas edições especiais como a seletiva de 2019, que aconteceu na NOB (estação ferroviária) espaço cedido pela prefeitura, ou seja, ainda que exista preconceito e estigmas em relação ao movimento, a presença do próprio movimento em diferentes espaços sociais – a divulgação, faz com esses estigmas e preconceitos sejam de certa forma atenuados, ainda que muitos há se ser feito nesse sentido.

A diversidade de público que transita por esses espaços públicos e de usos públicos, em que ocorrem as batalhas, mostra na prática, a tentativa de rompimento do preconceito em relação ao movimento hip hop, com a constante presença de crianças e um público mais jovem, faz acontecer a aproximação de diferentes pessoas que não fazem parte do movimento para assistir as batalhas. Como afirmamos, os espaços eleitos para as batalhas acontecerem não são neutros, precisa ser público e de visibilidade, a Feira Central vem sendo também um espaço eleito para acontecer algumas batalhas. As imagens mostram algumas cenas do movimento, em diferentes espaços.



Figura 6: Batalha do Pesadelo na Feira Central de Três Lagoas
Fonte:Instagram de @batalhadopesadelotl (2022)



Figura 7: Batalha do Pesadelo, em frente a Biblioteca Municipal
Fonte:Instagram de @batalhadopesadelotl (2022)



Figura 8: Batalha do Pesadelo, no parquinho da circular da Lagoa Maior
Fonte:Instagram de @batalhadopesadelotl (2022)

Combinado a isso, as redes sociais que hoje, fazem parte desse movimento, ajudam a ampliar a visibilidade e tomar novas dimensões com a própria expansão do movimento. As redes sociais levam em tempo real para várias partes do país; mesmo com quase uma década de movimento em Três Lagoas é mais recente, principalmente a partir de 2022, que ele vem alcançando uma notoriedade na escala regional e até nacional, como por exemplo as vagas para o duelo nacional de Mc's.

Mesmo sem um incentivo ou fomento governamental, para a permanência da cultura os Mc's se ajudam, fazem eventos para arrecadar dinheiro e fazem uma espécie de caixa, para financiar a ida e estadia dos Mc's em eventos fora da cidade.

Neste período em que estamos em fase de finalização desta pesquisa vem ocorrendo um campeonato de significativa importância, os que vencerem as seletivas regionais em Três Lagoas, consegue a vaga para batalhar na capital do estado Campo Grande concorrendo o título de campeão estadual e vaga para disputa no duelo Nacional de Mc's em Belo Horizonte – MG.

Isso expressa a articulação em rede do movimento, que reúne 32 Mc's de todo o Brasil para batalhar e milhares de pessoas para prestigiar esse evento como noticiado ¹⁵pelo G1 (2020). A final do Duelo Nacional de 2019, que ocorreu em dois dias, reuniu 45 mil pessoas no Centro de Belo Horizonte, com show do rapper Djonga, isso significa que a cultura hip hop, as rimas, as vozes dessa cultura, que também precisam serem ouvidas, estão em processo de conquista, de visibilidade em diferentes escalas geográficas, conformando nas cidades territórios que expressam formas críticas de compreender as desigualdades que integram o modo de vida urbano no Brasil.

¹⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/o-que-fazer-em-belo-horizonte/noticia/2020/08/30/duelo-de-mcs-de-bh-completa-13-anos-e-competicao-nacional-e-realizada-em-novo-formato.ghtml>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os coletivos de hip hop utilizam principalmente espaços públicos centrais para expressar sua cultura e dinâmica, que são sobretudo as batalhas de rima. Ao fazer isso, o movimento hip hop não apenas cria territórios de expressão, mas também promove um senso de pertencimento e empoderamento entre os participantes, principalmente jovens pobres da periferia. É uma demonstração poderosa do potencial transformador da cultura e da arte, especialmente em contextos urbanos complexos e diversificados.

Ao final desta pesquisa que desenvolvemos como pesquisador e pesquisado, consideramos que o movimento tem um forte caráter político, de posicionamento em relação as dificuldades e violências vivenciadas pelos sujeitos periféricos nas cidades brasileiras. O movimento possui também algumas contradições internas, ao mesmo tempo que faz a denúncia e a crítica as desigualdades, algumas correntes promovem um ideal consumista ao ostentar símbolos e signos que representam a riqueza para este grupo. Entretanto a liberdade de expressão é uma das essenciais ideias que o movimento promove permitindo essa pluralidade,

Por meio das apropriações de espaços públicos centrais da cidade de Três Lagoas, verificamos o processo de territorialização do movimento na cidade, que usa, de forma estratégica espaços de visibilidade para firmar o movimento, visando ser visto e respeitado pela sociedade. Ao longo da pesquisa confirmamos nossa hipótese, principalmente por meio das análises de entrevistas, de que o movimento contribui para a conformação de uma identidade e de um senso crítico aos sujeitos sociais participantes, oriundos das periferias, que possuem em suas trajetórias de vida, marcas das dificuldades inerentes aos mais pobres, que lutam e resistem diariamente nas cidades brasileiras.

Assim como apontamos desde no início o movimento Hip-hop não apenas sugere a presença de multiterritorialidade, como apresentado por Souza e Bernardes (2017) mas também evidencia a existência de múltiplas territorialidades. Um local específico, inicialmente apropriado e territorializado por um determinado segmento social ligado ao movimento Hip-hop, pode, simultaneamente, refletir outras territorialidades estabelecidas por diferentes atores sociais. Essa dinâmica se revela na discussão das relações de poder em diversas escalas, abrangendo desde dimensões simbólicas até aspectos econômicos e políticos. O espaço urbano, assim,

torna-se um palco complexo de interações e negociações entre diferentes grupos sociais, cada um contribuindo para a construção de significados e usos do território.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOZA, Douglas Ribeiro; LIMA, Jacqueline Aline Botelho. **Processo de formação crítica e processo social: a questão da ideologia em Gramsci**. Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea, [S. l.], n. 29, p. 65–84, 2012.
- D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estudos CEBRAP**, 39, 2020.
- DIAS, Cristiane Correia. **A pedagogia Hip-Hop: Consciência, Resistência e Saberes em Luta** (p. 59). 2019 Editora Appris.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e multiterritorialidade: um debate**. Rio de Janeiro: UFF, 2007.
- HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Editora UFRJ, 2000.
- MENEZES, Jaileila de Araújo; COSTA, Mônica Rodrigues; FERREIRA, Danielle de Farias Tavares. **Escola e movimento hip hop: o campo das possibilidades educativas para a juventude**. ETD-Educação Temática Digital, v. 12, n. esp., p. 83-106, 2010.
- RODRIGUES, G. B. **Geografias Insurgentes: um olhar libertário sobre a produção do espaço urbano através das práticas do movimento Hip-hop**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2005.
- SANTOS, Daniela Vieira dos. Sonho brasileiro: Emicida e o Novo Lugar Social do Rap. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design da UFJF**. v. 7, n. 1 e 2, 2018.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2008.
- SILVA, Jan Carlos da. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. IN: RIBEIRO, Miguel Ângelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva (Orgs.). **Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira**. Rio de Janeiro: Gramma, 2011.
- SOUZA, Thais Dias de; BERNARDES, Antônio Henrique. **O rap é compromisso: a territorialidade das batalhas de MC's na região norte fluminense-RJ**. Formação (Online), v. 25, n. 44, 2018.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B. **Fragmentação socioespacial**. Mercator, 19, pp. 1-13, 2020.

VIANNA, H. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988

TADDEO, Carlos Eduardo. **EDUARDO TADDEO- Az Ideias Podcast #69**. Az Ideias Podcast. Episódio 69. Youtube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=V21QAqjPdo>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

TURRA NETO, Nécio. **Pesquisa qualitativa em Geografia**. In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2012.

TURRA NETO, N. **Movimento hip hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização**. Revista de Geografia, v. 1, p. 1-11, 2013

Sites consultados:

Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. Mariane Lemos Lourenço disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014#:~:text=O%20Movimento%20Hip%20Hop%20configura,essenciais%20de%20todo%20movimento%20social.

VAZ, Sergio. **SÉRGIO VAZ - Az Ideias Podcast #29**. Az Ideias Podcast. Episódio 29. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V21QAqjPdo>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

ANEXO I

Não teste a Febre é o Rap de MS: análise socioespacial do movimento hip hop em Três Lagoas-MS

Roteiro para entrevista com integrantes do hip hop

Perfil:

Nome:

Idade:

Onde mora (cidade e bairro):

Ocupação:

Gênero:

Perguntas:

1. Como você explicaria o hip hop para quem não conhece? Que não sabe o que é o hip hop.
2. Quando e de que forma teve primeiro contato com o hip hop?
3. Hoje participa de que forma?
4. Quais outros contatos têm com o movimento?
5. Como vê os lugares da batalha quando não tem batalha?
6. Frequenta as batalhas? E quanto tempo? Você acha que mudou muita coisa da primeira batalha que você foi para a última? Se sim o que?
7. Por que acontece a batalha? Quem organiza? Sem esses indivíduos a batalha iria acontecer?
8. Grupo ou artistas que te inspiram e por quê?
9. Como você acha que as pessoas enxergam o hip hop? Pessoas que não praticam o hip hop.

Perguntas específicas para os Organizadores (após as anteriores):

1. Quais as dificuldades de organizar o evento, já foi impedido de fazer batalha em algum local, se sim pode falar sobre?
2. Quais suas motivações? Para continuar organizando? e porque decidiu começar.